

FORTIFICAÇÕES E TERRITÓRIO NA PENÍNSULA IBÉRICA E NO MAGREB (SÉCULOS VI A XVI)

Vol. I

Coordenação de

Isabel Cristina F. Fernandes



Biblioteca Nacional de Portugal
– *Catálogo na Publicação*

FORTIFICAÇÕES E TERRITÓRIO NA PENÍNSULA IBÉRICA E NO MAGREB
(SÉCULOS VI A XVI)

Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb
(séculos VI a XVI) / coord.

Isabel Cristina Ferreira Fernandes. – (Extra-colecção)

1º v. – 472 p. – ISBN 978-989-689-374-3

I – FERNANDES, Isabel Cristina F., 1957-

CDU 904

Título: Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb
(Séculos VI a XVI) – Volume I

Coordenação: Isabel Cristina Ferreira Fernandes

Edição: Edições Colibri/Campo Arqueológico de Mértola

Capa e separadores: DCCT – Câmara Municipal de Palmela

Revisão dos textos: I. C. Fernandes; J. F. Duarte Silva; Patrice Cressier

Depósito legal: 368 239/13

Lisboa, Dezembro de 2013

O Castelo de Mértola em época islâmica

MARIA DE FÁTIMA PALMA

Campo Arqueológico de Mértola/ Bolseira FCT

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ

Universidade de Coimbra – CEAUCP/Campo Arqueológico de Mértola – FCT- PC 2008

MÉRTOLA situa-se no Sul de Portugal, no Baixo Alentejo, perto da fronteira territorial com Espanha, numa zona em que o Rio Guadiana deixa de ser navegável e as ligações fluviais aqui enlaçam com as rotas terrestres (Fig. 1). Por este percurso fluvial, chegaram as rotas comerciais do Mediterrâneo, mas Mértola era também o extremo de vários itinerários terrestres que a ligavam à rica região cerealífera de Beja e às localidades mineiras de Aljustrel e São Domingos. Mértola tornou-se, assim, desde tempos mais antigos, num porto fluvial nos extremos do Ocidente do Mediterrâneo, chegando até



Fig. 1 – Localização de Mértola. Mapa original de José Lusi Madeira (IA-UC).

O Castelo de Mértola situa-se no ponto mais alto desta vila, dominando o casco urbano sobre um esporão rochoso, ladeado pelo Rio Guadiana e a Ribeira de Oeiras, cursos de água que o tornam uma quase ilha de defesa natural que domina a paisagem em seu redor (Fig. 2). Estrategicamente posicionado, foi ocupado desde a Pré-História, numa forte dinâmica de relações com os territórios vizinhos, especialmente com a capital regional, Beja.

A forte ocupação deste espaço privilegiado de defesa e controlo do território, resulta numa sucessão de obras de construção e reconstrução das estruturas defensivas da vila e do seu alcácer que, no entanto, possuem uma certa homogeneidade nos materiais utilizados nos paramentos e continuidades nas técnicas construtivas. As sucessivas modificações operadas no Castelo de Mértola foram sendo executadas com uma alvenaria de pedra irregular que não permite datar fielmente os panos de muralhas. Os sucessivos arranjos dos paramentos utilizaram, quase invariavelmente, o xisto, a pedra local, e os mesmos tipos de ligantes de argamassa de cal, ora fosse nos testemunhos mais antigos, ora nas intervenções operadas desde o século XVI para a implantação de artilharia, ora nos restauros dos anos quarenta e noventa do século passado, realizados pelos Monumentos Nacionais, e até nos mais recentes, já no século XXI, dificultando a perceção e leitura dos mesmos.

É de supor que o topo mais alto da vila de Mértola, onde podemos ver o Castelo, terá sido sempre ocupado por fortificações, mas as evidências mais antigas constatadas remetem para a época islâmica. Desconhecemos se a imprecisa fortificação onde, no século V, se refugiou o conde Censório do exército suevo, a que se refere Idácio na sua Crónica (HYDACE, 1974 y IDACIO 1984), correspondia à localização e a alguma das estruturas do atual castelo.

A primeira referência nas fontes escritas sobre obras de construção no castelo remete para o século IX em que ‘Abd al-Mālik Abī l-Ġawwād apoiante de ‘Abd al-Raḥmān Ibn Marwān al-Ġillīqī, o Galego, se apoderou de Beja e Mértola, e reforçou as defesas do seu castelo (COELHO, 1989: vol. II p. 159; PICARD, 2000: 206; TORRES *et alii*, 1991: 14). No entanto, é impossível deduzir, a partir dos textos, que obras foram executadas. Os textos de época islâmica apenas referem uma outra campanha construtiva, ordenada por Abū Ya’qūb Yūsuf que, em 566 H./1171 d.C.,



Fig. 2 – Localização do Castelo no traçado urbano de Mértola.

terá reparado a fortificação e reconstruído a porta (TORRES *et alii*, 1991: 16).

A planta que hoje conhecemos da fortificação terá, certamente, origem no período omíada, sendo sucessivamente modificada consoante as necessidades defensivas e habitacionais até à conquista cristã em 1238. Será desta primeira fase de ocupação islâmica, séculos IX/X, a estrutura trapeziforme do Castelo, que ainda hoje figura, adaptada à topografia do terreno, com torres de planta quadrada nos seus ângulos. Foi apenas alterada pela construção da porta em cotovelo em época almóada, e a inclusão da Torre de Menagem e outras modificações implementadas pela Ordem de Santiago (Fig. 3).

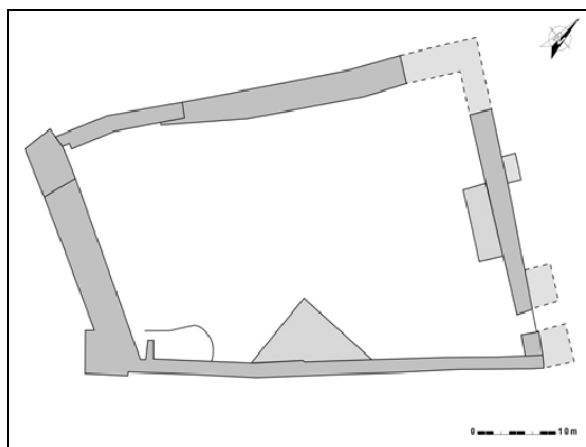


Fig. 3 – Proposta de planta do Castelo de Mértola em época omíada, com áreas com informação para este período.

Nesta primeira fase de construção islâmica, a entrada na fortificação teria um acesso direto e simples com dois imponentes torreões quadrangulares, compostos por grandes silhares, a flanquear a mesma (Fig. 4). Vestígios desta primeira estrutura da porta são visíveis na sua primeira fiada de silhares, possivelmente aproveitados de outras estruturas anteriores, que marcam os cantos dos dois torreões e que, em época almóada, seriam absorvidos pela construção da porta em cotovelo. Obras de reconstrução da porta, no século XX, deixaram à vista parte da face de um dos torreões, onde podemos identificar a fábrica dos muros com silhares de granito e fragmentos de fuste de coluna em mármore, reutilizados, alternando com pedra miúda de xisto (Fig. 5, 6 e 7).

No exterior, virado a Norte, alinhado com estes dois torreões, ainda é observável um outro torreão, de planta quadrada, com três metros por dois, do qual apenas subsiste a primeira fiada emergente, formada por silhares residuais da estrutura original e que completaria este pano de muralha (TORRES *et alii*, 1991: 16; MACIAS, 2006: II, 112).

As recentes obras de beneficiação do interior do Castelo, levaram a diversas intervenções arqueológicas que forneceram dados contextuais da diacronia da ocupação do espaço. Em 2006, junto do pano noroeste do castelo, na sequência da construção de um palco para espetáculos, foram encontrados os níveis estratigráficos fiáveis mais antigos que remontam à construção de estruturas de habitação no interior do castelo munidas de diversas estruturas de desaguoamento, vulgo canalizações de esgotos e uma fossa detritica, parcialmente destruída por canalizações

posteriores (Fig. 8). A fossa foi escavada no terreno e revestida com uma estrutura de pedras irregulares de xisto, ligadas com barro, sendo o seu fundo o substrato rochoso afeiçãoado.

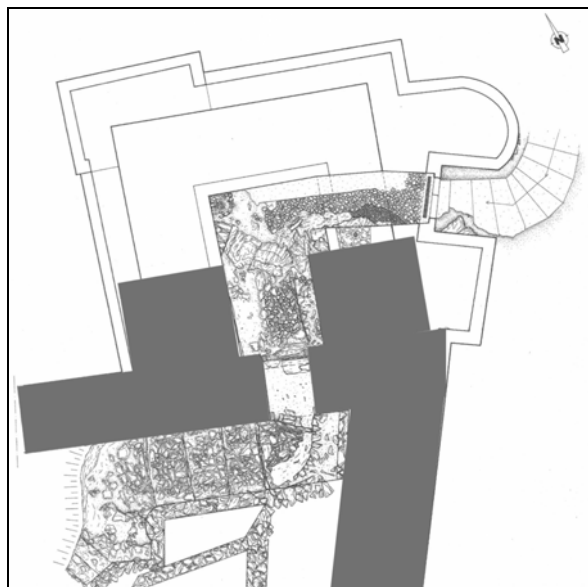


Fig. 4 – Proposta de planta da porta do Castelo em época emiral.



Fig. 5 – Possível torreão de flanqueio de época emiral no interior da actual estrutura da porta.



Fig. 6 – Porta do Castelo de Mértola. Possíveis vestígios do torreão emiral a nascente.



Fig. 7 – Porta do Castelo de Mértola. Possíveis vestígios do torreão emiral a poente.

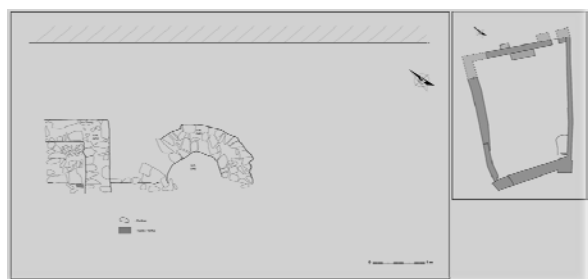


Fig. 8 – Estrutura de latrina e fossa séptica abandonada em finais do século X.

Abandonada em finais do século X ou inícios do século XI, continha uma terra esverdeada característica das fossas sépticas, na qual foi encontrado um abundante espólio, bastante homogêneo desde o ponto de vista cronológico, composto de cerâmica comum de pasta vermelha e branca, fragmentos de duas talhas, um deles decorado com cordão digitado, painéis de perfil em S e de colo canelado, ambos tipos, muito comuns na região no século X, com uma única asa, cerâmica pintada a preto e a branco com motivos de retícula, uma cântara de cordão canelado, e material residual de época romana, como um fragmento de campaniense.

Destaca-se, especialmente, uma tigela com perfil completo, de base ligeiramente côncava, corpo semioval e bordo extrovertido com lábio de secção semicircular. Está decorada com vidrado de fundo branco e motivos em verde e manganês que representam um pequeno botão de Flor de Lótus triangular de cujos lados partem cordões da eternidade e de cada vértice temas fitomórficos incompletos que parecem corresponder ao tema da pinha (Fig. 9 e 10). Tanto o perfil como o tema ornamental são muito frequentes nas cerâmicas califais da segunda metade do século X.

Ainda de época omíada, as escavações realizadas em 1996 (CANDÓN *et alii*, 2001) puseram a descoberto uma rua e uma série de estruturas habitacionais, uma das quais adossada à muralha, facto que permite afirmar a sua construção depois da edificação do pano oriental do Castelo. As estruturas encontram-se quase à superfície, destruídas ao nível dos alicerces, isto devido às ocupações posteriores. Através desta

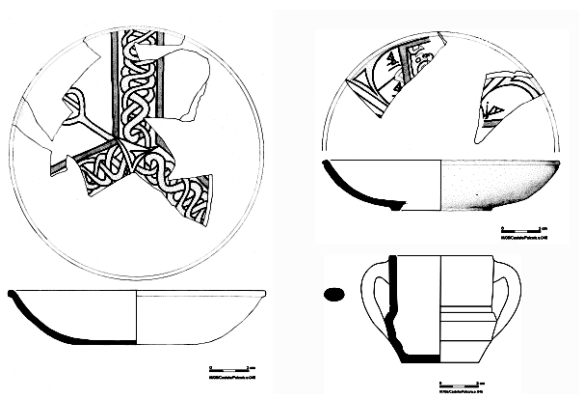


Fig. 9 – Cerâmicas da segunda metade do século X encontradas no interior da fossa séptica.

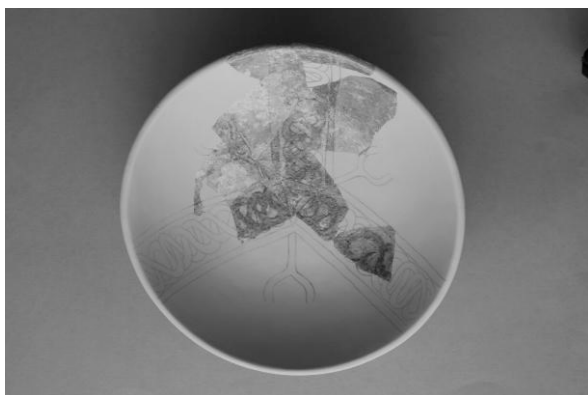


Fig. 10 – Tigela ornamentada em verde e manganés (segunda metade do século X).

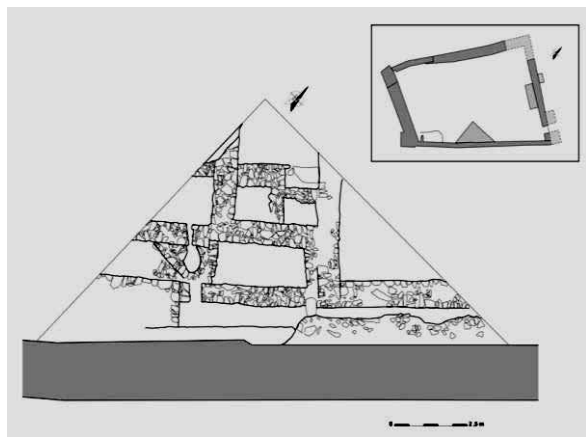


Fig. 11 – Planta de estruturas de habitação no interior do Castelo, no sector nascente.

pequena área escavada não foi possível atribuir funcionalidade à maior parte das estruturas e espaços, excetuando uma latrina e respetiva fossa séptica, no entanto, a lógica é semelhante à das casas do bairro almóada da Alcáçova (Fig. 11 e 12).

Os alicerces das casas tinham, por regra geral, uma largura de entre 70 e 80 cm e foram construídos em alvenaria de pedras de xisto irregulares, de tamanho médio, ligadas com barro. Algumas estruturas mais estreitas, apenas faceadas num dos lados, ocupavam espaços interiores, funcionando como contrafortes estruturais das paredes-mestras das casas.



Fig. 12 – Estruturas de habitação no interior do Castelo, no sector nascente.

A canalização da latrina e a sua fossa séptica não tinham sido afetadas por obras posteriores permitindo constatar vários estratos selados. A fossa, escavada no terreno, com secção aproximadamente piriforme, tinha sido construída aproveitando parcialmente os alicerces da casa aos quais se tinha acrescentado a estrutura da fossa com paredes de alvenaria de pedras de xisto ligadas com barro. A boca da fossa, situada a uma cota inferior ao pavimento da rua, era aproximadamente ovalada e estava coberta por um conjunto de lajes de xisto de grandes dimensões, bem organizadas.

Os contextos encontrados no interior destas estruturas eram compostos pela terra esverdeada característica das fossas detriticas e um abundante espólio que podemos datar entre os séculos X e XI e que marca os finais do século XI como data de abandono.

No que diz respeito ao espólio cerâmico encontrado, apenas foram constatados fragmentos de talha e cântara, potes globulares com asas no ombro pintadas a vermelho ou branco, panelas de perfil em S e de colo canelado com uma única asa, e globulares com duas asas entre ombro o bordo e pintura branca, tampas, caçoilas de corpo semioval e base convexa, e tigelas de bordo em ala e pintura branca sem vidrar.

As jarrinhas e bilhas com pintura a branco apresentam diversas variantes tipológicas: de corpo globular com colo cilíndrico largo, de corpo globular com colo troncocónico invertido alto e estreito, de corpo aproximadamente cilíndrico fortemente carenado e colo largo e alto.

As peças mais destacadas pela sua qualidade técnica e pela sua maior precisão cronológica, possivelmente importadas, são as tigelas hemisféricas com base anelar, vidradas em melado, melado com decoração também em manganés ou em branco com motivos também em manganés, e um copo de corpo bitroncocónico e base anelar com decoração epigráfica em corda seca parcial com o lema “baraka kāmila [wa.ni]’ma sã[mila]”, ‘bênção completa e felicidade total’ segundo transcrição e tradução de María Antonia Martínez a quem muito agradecemos (Fig. 13).

Relativamente aos objetos de vidro, destacamos um copo troncocónico invertido com pé anelar e decoração de nervuras em relevo, e um frasco de corpo globular decorado com elementos ovais, ambos



Fig. 13 – Cerâmicas de finais do século XI encontradas nas escavações do Castelo de 1996.

fabricados a molde (Fig. 14 e 15). O espólio metálico mais assinalado é uma lâmina de faca, várias pontas de seta e um número significativo de pregos.

Sobre estes contextos, numa camada de entulho, foi encontrada uma moeda mandada cunhar por Ibn Wazir (1145/1146). De facto, em outros sectores constatamos também camadas de entulho com materiais desta cronologia que parecem corresponder a um momento de obras generalizadas no interior do castelo, na segunda metade do século XII, provavelmente coincidindo com as reparações e construções promovidas por Abū Ya'qūb Yūsuf em 566 H./1171 d.C. que referem as fontes escritas.

A configuração em cotovelo da porta de entrada, que atualmente podemos observar, dataria desta fase. O aspeto que hoje a porta apresenta é o resultado de diversas intervenções realizadas ao longo de muitos séculos e, sobretudo, na última centúria, sendo difícil datar a que época corresponde cada alteração. Alguns autores consideram do século VIII esta estrutura em cotovelo múltiplo (ZOZAYA, 1998: 41). Para esta datação contribui o aspeto semicircular de um dos torreões que, atualmente, flanqueiam a entrada e que se datam nos séculos IX ou X em Talavera de la Reina (MARTÍNEZ, 1987 e 1990), e mais cedo em Calatrava la Vieja e Toledo (ZOZAYA, 1992: 67-69).

No entanto, nas obras de beneficiação do Castelo no ano 2006, foi aberto um Poço Técnico na esquina noroeste da muralha da porta (Fig. 16), que atravessou o enchimento interno da estrutura formado por terra e pedras soltas e onde foram identificados fragmentos cerâmicos com cronologias dos séculos XI e XII (Fig. 17), compatíveis com a reconstrução da porta por volta de 566 H./1171 d.C. aquando das obras promovidas por Abū Ya'qūb Yūsuf, referidas anteriormente. À configuração de época omíada, acrescentou-se, então, um novo corpo de muralha, com o acesso a nascente flanqueado por duas torres

(Fig. 16). À luz da planta do castelo desenhada por Duarte Darmas (ALMEIDA, 1943), pelo menos desde os inícios do século XVI, a torre norte é aproximadamente semicircular enquanto a torre sul é quadrangular. No entanto, os alicerces desta última estão reforçados por uma estrutura de planta semicircular, adossada, da qual apenas são parcialmente visíveis duas fiadas. Isto permite-nos colocar a hipótese de a porta ter sido concebida em época almóada com duas torres de flanqueio retangulares, que teriam sido reforçadas depois da conquista cristã com torreões semicirculares, talvez na mesma altura em que foi construída a torre de Menagem.



Fig. 14 – Copo de vidro com decoração de nervuras em relevo (finais do século XI).

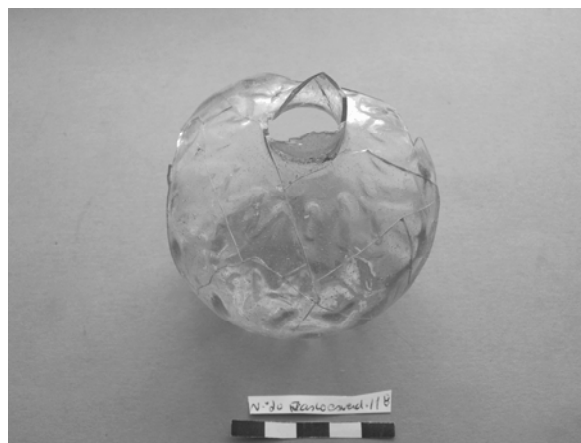


Fig. 15 – Frasco de corpo globular decorado com elementos ovais em relevo (finais do século XI).

No que diz respeito ao vão de acesso, quase todos os autores consideram que se trata do original islâmico muito reconstruído em épocas posteriores. Existem duas propostas de reconstituição, uma por Santiago Macias (MACIAS, 2006: II, 111) que a interpreta com um arco em ferradura e outra, mais recente, de Samuel Márquez Bueno e Pedro Gurriarán (2011: 198-199 e 242-243 ver também lam. 18) que consideram tratar-se de uma porta encimada por um arco

abatido, à semelhança de uma das portas da fortaleza de Niebla (Espanha). Se bem que esta segunda proposta parece mais convincente à luz da disposição atual dos silhares, não podemos excluir que estes tenham sido reutilizados numa reconstrução promovida já pela Ordem de Santiago.

Provavelmente as obras de vulto na porta foram acompanhadas por uma reorganização dos espaços interiores. Nas camadas de construção e reconstrução dos pavimentos dos espaços abertos junto do pano norte da muralha do castelo, formadas ao longo da primeira metade do século XII, foi construída uma casa de que se conservou apenas a latrina, e abertas canalizações de esgotos e águas pluviais (Fig. 18). Sobre os pavimentos desta latrina, que dataríamos dos inícios da segunda metade do século XII, apareceu um objeto peculiar que identificamos como a caldeira de um alambique (Fig. 19 e 20).

Algumas destas canalizações foram novamente reestruturadas nos finais do século XII e primeiras décadas do século XIII (Fig. 21 e 22), sendo abandonadas após a conquista cristã, aquando das grandes obras promovidas pelo primeiro mestre português da Ordem de Santiago.

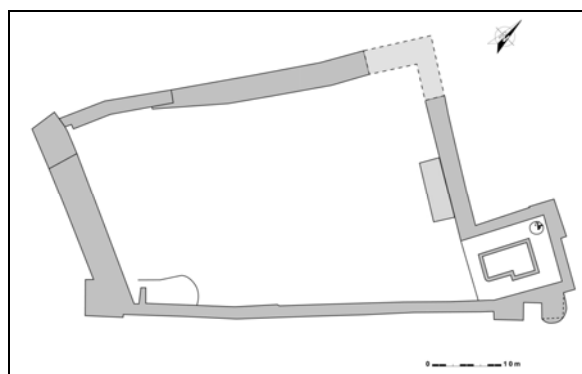


Fig. 16 – Estrutura da porta em cotovelo de época almóada com a localização da sondagem do Poço Técnico.

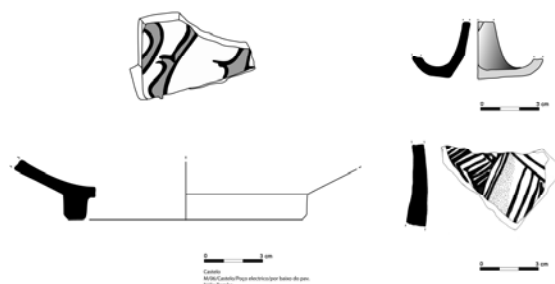


Fig. 17 – Cerâmicas de época almóada encontradas na sondagem do Poço Técnico na porta em cotovelo.

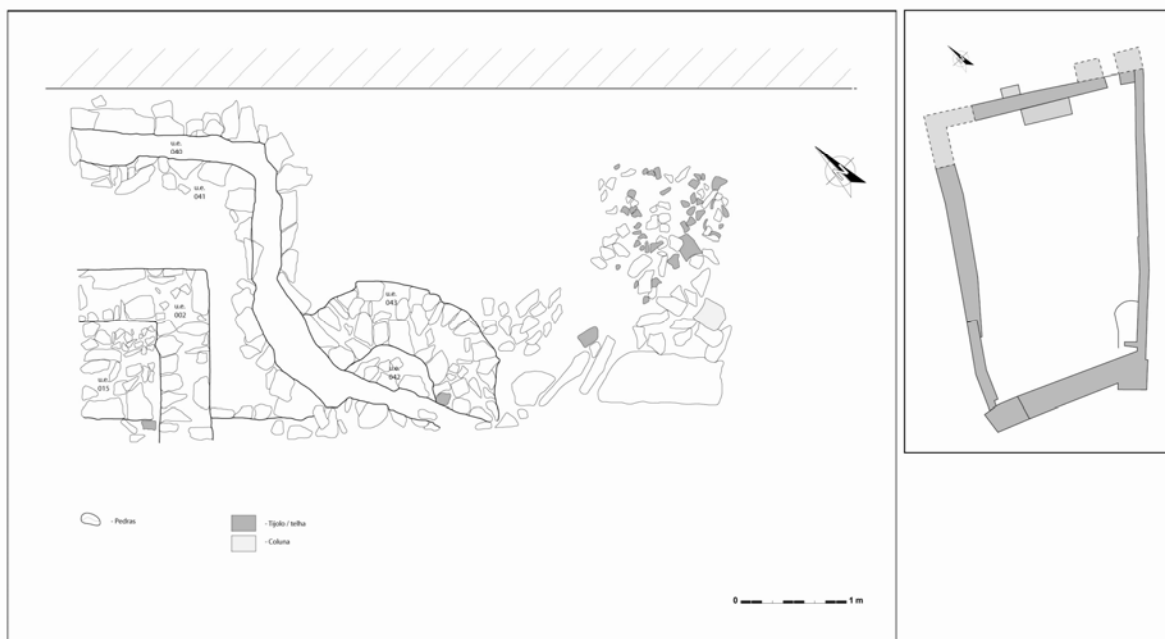


Fig. 18 – Traçado da canalização no período almóada inicial.

Ainda subsistem muitas dúvidas sobre a evolução do Castelo de Mértola em época islâmica, que só poderão ser confirmadas com a realização de escavações arqueológicas sistemáticas. No entanto, as muitas transformações do castelo desde a conquista cristã, sem dúvida, terão alterado profundamente a

estratigrafia, mutilando fortemente os vestígios deste período. Porém, podemos afirmar que o essencial da configuração amuralhada do Castelo, à exceção da imponente Torre de Menagem e do baluarte da porta falsa, são fruto dos programas de fortificação de época islâmica.

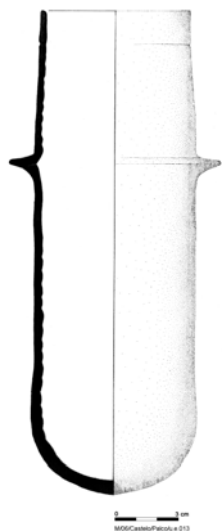


Fig. 19 – Caldeira de alambique (segunda metade do século XII).



Fig. 20 – Caldeira de alambique (segunda metade do século XII).

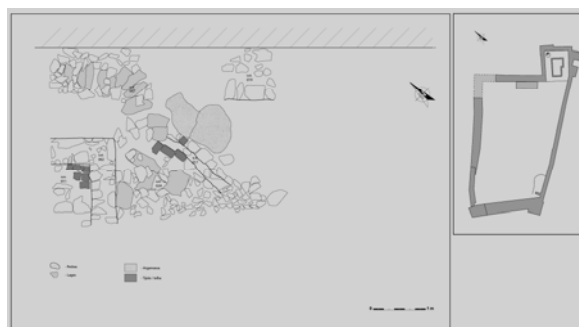


Fig. 21 – Traçado da canalização em época tardoalmóada.



Fig. 22 – Canalização de época tardoalmóada. Debaixo dela é visível o traçado da canalização em época almóada inicial.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João de (ed.), *Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*, Editorial Império, Lisboa, 1943.
- BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de, «O Castelo de Mértola – estrutura e organização espacial (sécs. XIII a XVI)», *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (5000-1500). Palmela 2000*, Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela, Lisboa, 2002, p. 579-586.
- CANDÓN, Alicia *et alii*, «Mértola en torno al año mil», *Actas del V Congreso de Arqueología Medieval, Valladolid, Marzo de 1999*, Junta de Castilla y León, Valladolid, 2001, vol. 2, p. 559-567.
- COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha árabe*, Ed. Caminho, Lisboa, 1989², 2 vols.
- Hydace, *Chronique*, Introduction, texte critique, traduction par Alain TRANOY, Les Éditions du Cerf, Paris, 1974.
- Idacio Obispo de Chaves. *Su Cronicon*, Introducción, texto crítico, versión española y comentario por Julio Campos, SCH. P., Ediciones Calasancias, Salamanca, 1984.
- GÓMEZ, Susana, *Cerámica Islámica de Mértola: producción y comercio*, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2006 (recurso electrónico).
- MACIAS, Santiago, *Mértola – o último porto do Mediterrâneo*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 2006, 3 vols.
- MÁRQUEZ BUENO, Samuel e GURRIARÁN DAZA, Pedro, «Las puertas monumentales en las fortificaciones del occidente andalusi», *La marca inferior de al-*

- Andalus, CUPARQ / Mérida Consorcio Ciudad Monumental, Mérida, 2011, p. 183-252.
- MARTÍNEZ LILLO, Sergio, «Algunos aspectos inéditos en la fortificación musulmana de Talavera de la Reina», *II Congreso de Arqueología Medieval Española. Madrid, 1987*, Comunidad de Madrid – Asociación Española de Arqueología Medieval, Madrid, 1987, Tomo II: comunicaciones, p. 199-205.
- MARTÍNEZ LILLO, Sergio, «Arquitectura militar de ámbito rural de la Marca Media (al-Tagr al-awsat). Antecedente y evolución», *Boletín de Arqueología Medieval*, nº 4, Madrid, 1990, p. 135-171.
- PICARD, Christophe, *Le Portugal musulman (VIIIe-XIIIe siècle)*, Maisonneuve et Larose, Paris, 2000.
- TORRES Cláudio *et alii*, *Museu de Mértola. I Núcleo do Castelo*, Ed. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991.
- ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan, «La fortificación de al-Andalus», *Al-Andalus. Las Artes Islámicas en España. Catálogo de la Exposición*, Ed. El Viso, Madrid, 1992, p. 63-73.
- ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan, «La fortificación islámica en la Península Ibérica: principios de sistematización», *El castillo medieval español. La fortificación española y sus relaciones con la europea*, Fundación Ramón Areces, 1998, p. 23-44.